

## EXTRA

## A REPÚBLICA DO CEBRAP

*Com Fernando Henrique, chega ao poder grupo de intelectuais que resistiu ao regime militar*

JOSÉ CASTELLO

**U**ma dinastia intelectual sobe ao poder com a posse do presidente Fernando Henrique Cardoso: a dos cebrapianos. Aposentados em abril de 1969 pelo Ato Institucional nº 5, um grupo de professores paulistas decide fundar, ato contínuo, uma trinchera intelectual em que pudessem resistir. São, quase todos, amigos de juventude. Desde 1958, freqüentam-se semanalmente nas reuniões do célebre Grupo do Capital, seminário caiseiro e informal que se dedica a estudar a obra de Karl Marx.

Entre eles, já pagando o preço de seu antídramatismo e provocando polêmica, está Fernando Henrique, que lê *O Capital* em francês. Agora, expulsos da universidade e sem nenhuma vontade de se exilar, decidem construir um refúgio. "Evitamos uma diáspora", diz o filósofo José Artur Gianotti. "E criamos um centro de oposição ideológica ao regime que chega a gerar, agora, um presidente da República." Está instaurada, com a posse de Fernando Henrique, a República do Cebrap.

A história dos cebrapianos, apesar disso, é tortuosa. Primeiro, ainda atordoado pela aposentadoria compulsória, um grupo de amigos, liderados pelo presidente que agora toma posse, funda a seção paulista da Associação Brasileira de Planejamento, especializada em pesquisa e consultoria. Mas isso ainda lhes parece pouco. Querem ter uma instituição própria. Fernando Henrique, já a essa altura o mais famoso desses jovens intelectuais, usa o seu prestígio internacional para conseguir um financiamento da Fundação Ford. O Cebrap está criado.

É tudo muito rápido. A primeira sede é alugada em julho de 1969 — apenas três meses depois da cassação branca. Fica na Rua Bahia, um belo casarão de dois andares, com anexo, onde o centro funcionará até 1976. O centro surge de um verdadeiro mutirão. Os móveis são um presente do empresário paulista Abel Ferreira, da Mobília Contemporânea. O ministro de Estado Severo Gomes — sinal evidente das contradições que já minam o poder militar — entra também com dinheiro.

O Cebrap é, a rigor, uma organização não-governamental dedicada à pesquisa, talvez a primeira ONG a vingar na história do País. As circunstâncias levam à criação de uma entidade absolutamente original, não-dogmática, em que os saberes se entrecruzam e as especialidades se atenuam. Um ambiente em tudo oposto ao cenário cada vez mais especializado e compartimentado das universidades. Há sociólogos, cientistas políticos, filósofos, demógrafos — da USP, da Unicamp, da PUC de São Paulo e da Fundação Getúlio Vargas. Sem pudores, passam a dar aulas uns aos outros.

Outra regra do saber clássico é rompida: a que distingue o mestre do discípulo. Nos primeiros tempos, Fernando Henrique Cardoso pode ser visto, caderno e lápis nas mãos, assistindo a aulas de estatística dadas pacientemente por Elza Berquó. E a lições de Teoria do Emprego ministradas por Paul Singer. As idéias, expostas umas às outras, se amarram. O ambiente de camaradagem do Cebrap desestimula a arrogância e a rigidez. Num momento em que a esquerda pensa em termos de revolução ou catástrofe, Fernando Henrique Cardoso, de sua mesa, faz uma pregação dissonante, apostando na democracia.

O centro é, a princípio, uma instituição parecida com outros grupos de estudos latino-americanos como o Centro Interdisciplinar de Estudos Sociais do Uruguai (Ciesu), o Centro de Estudos do Estado e da Sociedade (Cedes), de Buenos Aires, e o Colégio do México. "Há, pelo menos, duas diferenças fundamentais entre eles e o Cebrap", aponta o professor uruguai Bernardo Sorj, da UFRJ, autor da pesquisa inédita *O Cebrap e As Ciências Sociais no Brasil*, em parceria com Antônio Mitre e datada de 1984. No Brasil, apesar do regime militar e ao contrário do que ocorre no resto da América Latina, as ciências sociais vivem — em plenos anos 70 — um

boom. Além disso, o contexto político, mesmo nos anos negros do general Médici, é, em comparação com outros cenários do continente, bem mais permissivo.

O grupo prefere, apesar disso, uma rotina reservada. Durante os três primeiros anos, o Cebrap não produz publicações. Só em 1972, começam a surgir os primeiros trabalhos, mesmo assim rodados em mimeógrafo e mais parecidos com panfletos que com teses acadêmicas. "A decisão de publicar podia ser vista pelos militares como uma provocação", recorda o economista Paul Singer. "E nós tínhamos de nos proteger." A instituição decide, pelas mesmas razões, não ter alunos. "Houve uma espécie de acordo tácito", diz Gianotti. "Não teríamos alunos, ficaríamos quietos e, assim, os militares nos deixariam trabalhar."

As verbas da Fundação Ford vindas do "imperialismo" para financiar "comunistas", segundo a lógica militar — desnorteiam o regime, mas nenhuma restrição é imposta. O então subdiretor da Fundação Ford no Brasil, Peter Bell, relata mais tarde pressões malsucedidas vindas da Agência Para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) para sustar o financiamento. O objetivo da Fundação Ford é evitar que se repita no Brasil o vazio intelectual que tomou conta da Argentina após a subida dos militares ao poder, com a debandada de cientistas e intelectuais.

O plano inicial dos americanos é bancar a criação de três instituições, em São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Apenas o Cebrap vinga — e isso se deve, em parte, ao fato de ele ser uma espécie de continuação formalizada do Grupo do Capital, que teve sete anos contínuos de história heróica. A escolha de um nome asséptico como Centro Brasileiro de Análise e Planejamento não significa, apenas, o desejo de ter uma identidade de aparência técnica e não-provocativa; significa também a esperança de contratos de trabalho e novos investimentos.

Mas a sigla Cebrap, mesmo com os fatos contatos de Fernando Henrique, provoca medo. O centro consegue apenas subcontratos com outros grupos de pesquisa menos visados, em que o nome da instituição não aparece.

Apesar de ter uma liderança coletiva, o Cebrap é mantido desde a fundação pela figura de Fernando Henrique, que foi seu presidente entre 1980 e 1983. Empresta ao centro, antes de tudo, uma postura antídramática e sempre disposta ao diálogo. Ele é, a essa altura, um intelectual que trabalha com temas cada vez mais abrangentes. "Ele não se perguntava, como eu, o que devia ser um partido de esquerda", exemplifica o cientista político Francisco Weffort. "Ele se perguntava o que devia ser um Brasil democratizado."

Mesmo depois de se afastar do Cebrap para se tornar senador, continua a exercer enorme influência intelectual sobre ele. A criatura tem, de fato, o caráter de seu criador. Fernando Henrique é um mestre sem discípulos. "Ele jamais seria um chef d'œuvre, no estilo de Florestan Fernandes e Antônio Cândido", avalia Weffort. Seus colegas de Cebrap sempre souberam que Fernando Henrique tem um pensamento eclético, metafórico e contraditório. O chef d'œuvre, ao contrário, é antes de tudo um intelectual que fornece segurança para seus discípulos, que lhes transmite certezas.

Fernando Henrique sempre esteve muito mais próximo do intelectual no estilo socrático, mais acostumado a fornecer perguntas que respostas. Florestan Fernandes — mestre de Fernando Henrique na USP — teve desde cedo muitos discípulos que o imitavam; que chegavam a escrever igual a ele. Fernando Henrique faz um gênero inimitável. Alastrou pelo Cebrap, em consequência, um estilo muito particular de liderança. "Ele tem, frequentemente, alunos brilhantes que pensam contra ele", Weffort avalia. Soube disseminar no instituto as qualidades da tolerância, do realismo e do antídramatismo.

Reflexo do estilo pessoal do presidente Fernando Henrique Cardoso, o Cebrap nunca chegou a constituir uma escola de pensamento. "Fernando Henrique sempre foi muito mais um pensador de conjunta, um homem sensível ao momento histórico, que um produtor

Norma Albano/AE—6/11/92



Gianotti: atual líder intelectual

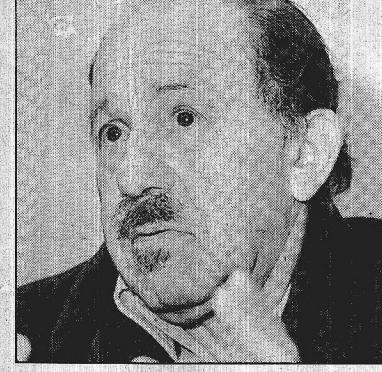
Epitácio Pessoa/AE—11/4/94



Florestan: mestre na USP

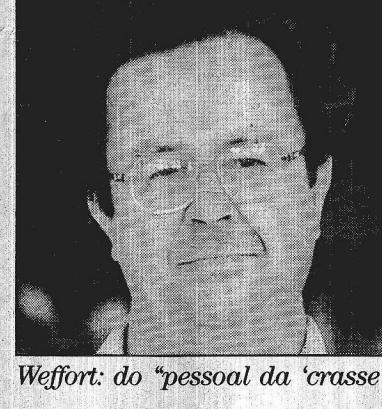
AE

Milton Michida/AE—9/8/94



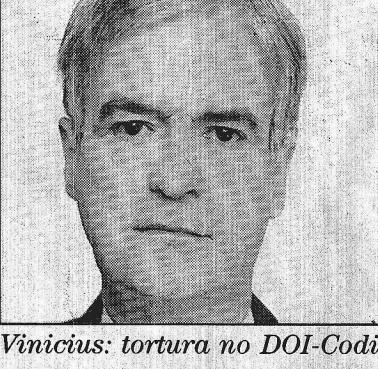
Singer: discípulo e professor

Luiz Prado/AE—23/12/92



Weffort: do "pessoal da crasse"

AE



Vinicius: tortura no DOI-Codi



Severo: interlocutor com regime

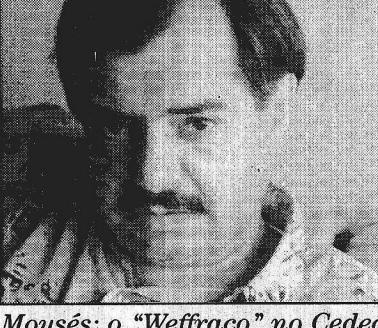
AE

de teoria", avalia Bernardo Sorj. Suas idéias, já a essa altura, repercutem muito além das paredes do Cebrap. Pensando na contramão da esquerda brasileira, ele afirma que os militares — apesar do autoritarismo e da truculência — modernizaram o País e instauraram em definitivo o capitalismo. Isto é, que o golpe de 1964 não foi um evento passageiro na vida do País, mas a inauguração de uma nova ordem capitalista.

Teve efeitos revolucionários, gerando transformações agudas na sociedade brasileira, integrando o País ao sistema de produção internacional — e isso produziu, para o bem e para o mal, consequências sociais profundas. Fernando Henrique defende a idéia de que, a partir daí, ou se fala de um socialismo que aponte para a social-democracia, ou se fala falando de um mito. "Ele sabe perceber, como poucos intelectuais, o que o público está disposto a ouvir e o que pode absorver", insiste Sorj.

O pluralismo e o antídramatismo

Fernando Sampaio/AE—29/1/93



Moysés: o "Weffracô" no Cedec

Fernando Sampaio/AE—13/3/94

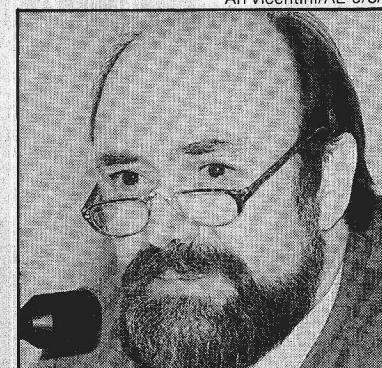


Marilena: no embrião do PT

Ari Vicentini/AE—9/8/93



Almino: ênfase no socialismo



Bolívar: único não-marrista

começam em casa. Mesmo sempre imantada pela figura de seu fundador, a *Revista do Cebrap* não se esquia de publicar, em 1986, um artigo assinado pelo cientista político David Lehmann, da Universidade de Cambridge, em que ele mostra Fernando Henrique como um manipulador de idéias, "ligeiramente evasivo como convém a um político travestido de sociólogo".

O Cebrap significa, ainda, o surgimento no País de uma *esquerda acadêmica*, isto é, sem filiação política, fiel aos valores da academia, mas de inspiração marxista. Para essa esquerda, as idéias não são dogmas, mas objetos de debate. "Essa característica do desenvolvimento da polêmica dentro do contradi-

São levados para o quartel do Exército na Rua Tutóia, São Paulo. Vinicius, com antecedentes políticos, é torturado. Ficam presos durante uma semana. São tempos confusos em que as lutas internas dos militares geram prisões de motivações dúbia, que visam mais atingir a imagem do regime que os próprios prisioneiros.

Após a libertação dos três pesquisadores, todos os membros do Cebrap são convocados para depor no DOI-Codi. São quase 30 convocações e os interrogatórios se alongam por 15 dias. Para cada pesquisador, um estilo. Giannotti, por exemplo, é encapuzado — sob as desculpas de que, assim, ele ficaria "protegido". O sociólogo Flávio Pierucci não sofre

interrogatório algum: é colocado por algumas horas em uma sala central, com portas abertas para os compartimentos de tortura, de onde é obrigado a assistir, sem poder fugir, aos piores suplícios.

Fernando Henrique, sempre hábil, arma mais um mecanismo de proteção para os cebrapianos. Procura o ministro Severo Gomes e fica decidido que, após o interrogatório, cada interrogado deve se dirigir diretamente ao gabinete do ministro para relatar o que ouviu — e o que viveu. Severo Gomes, logo após a visita, retransmite as informações diretamente ao general Ernesto Geisel. A intimidação, a essa altura, já não tem mais como objetivo o Cebrap, mas, através dele, Geisel e sua política de abertura.

Em 1976, para complicar, uma bomba de fabricação caseira — na verdade, um tubo de plástico cheio de pólvora — explode na sede do Cebrap, na Rua Bahia. O vigia Adelmo Pedro da Silva consegue conter o fogo e a consequência material é apenas uma cortina queimada, algumas vidraças estilhaçadas e um buraco no chão. A sequela psicológica é bem mais grave. A Aliança Anticomunista Brasileira, em telefonema anônimo, assume a autoria do atentado.

O Cebrap se dedica, a essa altura, a fazer uma pesquisa sobre crescimento e pobreza em São Paulo encarregada pela Comissão de Justiça e Paz, da Arquidiocese de São Paulo. O trabalho — *São Paulo 75: Crescimento e Pobreza* — se torna um best seller e o centro fica, pela primeira vez em sua história, exposto publicamente. Dias após a explosão da bomba, o Cebrap se muda para um andar inteiro, mais seguro, na Avenida Paulista.

Os anos 80, com a abertura política, levam o Cebrap — a essa altura um centro de estudos de prestígio internacional — a uma grave decisão: a de não crescer. "Quisemos conservar aquele ambiente em que uma dúvida era tirada no cafetinho e um seminário podia ser resolvido no corredor", diz Singer. "Devemos agora ser um centro de angústia democrática", define Gianotti, para quem a instituição não pode perder seu perfil elítico, de formadora de castas intelectuais. E, mais que nunca, ser a negação da universidade. Os cebrapianos decidem, ainda, conservar o ritual do *mesão*, na verdade um amontoado de mesas em torno do qual todos os pesquisadores se reúnem periodicamente para debater temas livres.

Já é uma instituição madura, que gerou pelo menos dois filhos: o Cedec e o Idesp. Essas dissidências não se deram com brigas ou rupturas, mas indicam apesar disso divergências políticas importantes. O Cebrap, com os primeiros passos do País rumo à abertura política, perde o consenso. Os dogmas marxistas, em consequência, começam a se afrouxar. Certo dia, Fernando Henrique entra em uma sala em que um grupo de jovens pesquisadores lê, em silêncio, páginas de *O Capital*. Antes que Paul Singer, que o acompanha, interrompa a leitura dos alunos para um comunicado, Fernando Henrique o detém: "Deixa os meninos. Eles estão rezando."

As diferenças ideológicas afloram. O Cedec — Centro de Estudos de Cultura Contemporânea — é criado em 1976 por Francisco Weffort e José Álvaro Moisés (um ex-assistente de Weffort no Cebrap que passa a ser chamado, no deboche amigável, de *Weffracô*), por seu temperamento mais fechado e difícil), acompanhados de outros intelectuais mais preocupados com o estudo do movimento sindical e operário como Regis de Castro Andrade e Fábio Murioz. E depois será fortalecido por novos sócios de prestígio como Marilena Chauí, Almino Afonso e Lúcio Kovari. Weffort dirige no Cebrap um grupo de estudos do movimento sindical, que tematiza com mais ênfase a classe operária e o socialismo.

Temas dissonantes em um instituto mais voltado para estudos de demografia, sociologia urbana, sociologia das religiões e redemocratização. O pesquisadores de Weffort passam a ser conhecidos internamente, numa brincadeira, como "o pessoal da crasse", isto é, da classe

operária, é claro. No Cedec, desenvolvem uma visão obreirista da sociedade que desemboca no PT. Outro filho, o Idesp — Instituto de Estudos Sociais, Econômicos e Políticos — é liderado pelo único cebrapiano declaradamente não-marxista: Bolívar Lamounier. No *mesão*, Lamounier sempre começa suas intervenções com uma ressalva: "Para vocês que são marxistas, devo dizer que..." O Idesp, menos voltado para a ideologia e mais pragmático, se especializa em pesquisas políticas e eleitorais.

Há um fator importante a impulsionar essas cisões: em 1974, Paul

Singer é procurado

por Ulysses Guimarães,

que lhe pede ajuda para a formulação do programa

de sua candidatura

à Presidência.

Um grupo de intelectuais cebrapianos, a pedido de Pedro Simon, já dava

palestras em Port

Alegre para auditórios de dimensões pop. As diferenças se tornam mais nítidas em 1979, quando surgi

o PMDB e o PT e a esquerda deixa

de ser um bloco coeso pela oposi

cão ao regime militar. O pro

grama do PMDB é escrito, entre ou

trois, por Fernando Henrique, Chico

de Oliveira e Paul Singer. Intele

tuais mais radicais se apressam em

acusar o instituto de "colaborar

com a ditadura". Hoje o parti

de Lula tem maioria no Cebrap — se

contabilizados os pesquisadores

mais jovens. Mas a elite cebrapiana

é, em maioria, tucana.

O modelo do Ce